

Interjeição: o regresso à Gramática

MIGUEL GONÇALVES *

(Universidade Católica - Braga)

Entre as inúmeras obras de linguística, antigas e modernas, raramente se aponta tratado ou capítulo que analise as interjeições com paciência e carinho, como é de uso com as outras partes do discurso. Deviam sequer despertar a curiosidade idiomas tão sabidos como o francez, o italiano, o inglez, o castelhano, o portuguez. Entretanto poucas palavras ditas de fugida sobre esses párias da linguagem parecem bastantes, quando importa não os deixar de todo em silencio.

(SAID ALI, "Interjeição", *Revista de Língua Portuguesa*, nº 55, p. 5¹.)

1. Mantivemos inalterada a grafia do texto de abertura para desde já sublinharmos que algumas das preocupações que nos assaltam estão longe de serem actuais. Se a constatação de Said Ali, neste particular, permanecia actual no início da década de trinta, também ainda hoje podemos continuar a falar da "necessidade de um exame de reparação às formas interjeccionais"², pois o "exame científico reparador" nessa altura reclamado por João da Silva Correia continua praticamente por fazer.

Na verdade, parece ter sido em jeito de resposta ao repto antes lançado que João de Almeida Lucas publica, volvida uma década, e ao longo de dois anos, o seu "Estudo sobre as interjeições"³. Constitui, porventura, a excepção mais significativa, e fá-lo por também ele *ter notado quanto se tem titubeado sobre o assunto e por ser mister que, não obstante a sua delicadeza e complexidade, se procure assentar doutrina sobre ele.*

Subtraída a atenção que na alvorada do século XIX a *Gramática filosófica da língua portuguesa* lhe consagra em *duas páginas compactas*, quebrando, assim, o silêncio secular que desde João de Barros imperava, o quadro continua a reproduzir com fidelidade os motivos já conhecidos. Epifânio Dias arruma o assun-

* Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian na EHESS - Paris

to em duas linhas; Adolfo Coelho em meia página; Ribeiro de Vasconcelos dedica-lhe uma página e José Joaquim Nunes uma página e meia de texto e notas. Porém, chegados a Meycr-Lübke, o crescendo esmorece: *As interjeições pertencem ao Dicionário*⁴.

Já mais próximo dos nossos dias, o A. que de uma forma mais demorada se debruça sobre as interjeições é Herculano de Carvalho⁵ e, não obstante o seu estudo se inscrever no âmbito duma teoria geral da linguagem, mais exactamente a propósito da *motivação interna do signo linguístico*, nem por isso as conclusões que aponta são menos categóricas: *as interjeições são significantes não incluídos nas categorias gramaticais de qualquer sistema linguístico, embora [...] as gramáticas constituam com elas uma categoria especial*. Tal como as onomatopeias, também aquelas não são verdadeiras palavras: em primeiro lugar, porque *representam globalmente a situação a que se referem; depois, e conseqüentemente, porque não desempenham função na frase*⁶ e, finalmente, porque apenas possuem um conteúdo informativo mínimo. Em definitivo, as interjeições (e as onomatopeias) não são significantes propriamente linguísticos, devendo por conseguinte ser atiradas para a margem do sistema linguístico, ou consideradas como categorias linguisticamente marginais.

Por sua vez, os AA. da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* filiam-se na linha de continuidade da tradição anterior, mas já em nítida aproximação à teoria de Tesnière⁷: se para Herculano de Carvalho cada interjeição por si mesma vale como toda uma frase, para Cintra e Cunha a interjeição flutua entre o vocábulo-frase e o equivalente de frase, razão pela qual a excluem, taxativamente, das classes de palavras, e se permitem arrumar o assunto numa mera página seguida de duas breves observações⁸.

Totalmente à margem destas disputas gramaticais, mas sem que tal distanciamento ou omissão signifique maior destaque, estão Vázquez Cuesta e Luz⁹. É no capítulo dedicado à Morfologia, mas sem direito a entrada própria no índice, e depois da apresentação das preposições e das conjunções que, mais uma vez, e sintomaticamente, é colocada a interjeição, mas a pressa de iniciar o estudo das "particularidades sintácticas das palavras" rouba às AA. a oportunidade e o interesse de irem além da habitual enumeração das mais conhecidas interjeições.

O último estudo que indicaremos é a *Gramática da Língua Portuguesa*, de Mário Vilela. Registadas as anomalias fonéticas e fonológicas que muitas interjeições apresentam, o A. afirma ainda que não lhes cabe *qualquer caracterização morfológica*¹⁰ nem o desempenho de *qualquer função na frase*. Integram-se no discurso mas não constituem categoria gramatical; são marginais à frase, mas não à sua semântica; não têm forma frásica mas podem ter valor frásico.

De nada valerá procurarmos completar ou enriquecer o quadro aqui esboçado; as decepções podem, até, ser ainda maiores. Ninguém duvida da sua frequência quase omnipresente no discurso oral, nem tão-pouco da sua suficiente difusão no escrito; porém, poucos se aventuram a estudá-la¹¹, talvez porque os problemas que coloca sejam, afinal, directamente proporcionais ao seu próprio uso. Desde logo, e fundamentalmente, problemas de identidade e de pertença, de estatuto: as interjeições constituem uma parte do discurso? Serão antes uma

classe gramatical incluída na dos advérbios? São verdadeiras orações completas, ou apenas equivalentes de orações? Ou nem uma coisa nem outra? Serão sequer elementos gramaticais?¹²

Como vimos, as respostas são, por via de regra, tão curtas como díspares; da nossa parte interpretá-las-emos como um constante alerta nesta nossa teimosia de enfrentarmos o desafio: se abordar as interjeições é já em si um risco, o que pensar de fazê-lo fora dos cânones de análise tradicionalmente utilizados?

2. Mesmo que as interjeições não representem nenhum conceito material nem mesmo um núcleo significativo que lhes pertença especificamente, ou seja, mesmo que não possuam um "significado objectivo", nem por isso deixam de indicar algo, ou, se quisermos ser mais exactos, elas manifestam qualquer coisa que se dá na sua própria articulação, vivida numa situação à qual elas vão buscar o seu coeficiente de significação, e sem a qual estas partículas nada significam. Elas apresentam-se como uma espécie de "cri arraché"¹³ pela situação ou pela representação duma situação.

Efectivamente, não dizemos, por exemplo, que a interjeição ah! exprime surpresa, espanto, alegria, satisfação... na acepção clássica dos termos, mas antes que ela manifesta, joga ou representa (no sentido teatral da palavra) um alívio ou uma satisfação, sentido e pressentido num dado momento e numa determinada situação vivida.

O "conteúdo manifestado" pela interjeição não é, podemos dizer, nem objecto nem objectivação; refere-se, sobretudo, a uma atitude (particular) do enunciador, atitude que vai buscar o seu sentido à singularidade que caracteriza cada situação.

O que podemos dizer, por um lado, é que a interjeição assinala ou manifesta a (uma) atitude do enunciador e que, por outro, ela não se apresenta como destinada a aportar uma informação (não obstante, muitas vezes, o fito implícito do enunciador seja o de comunicar exactamente uma informação).

Tacitamente desembaraçados da necessária destrição entre elementos da linguagem e demais sons instintivos¹⁴ – manuais como a *Grammaire du français contemporain*¹⁵ assimilam indiscriminadamente, por exemplo, gritos, onomatopeias, ruídos e interjeições –, e identificados os principais obstáculos que, nomeadamente em termos de análise, urge transpor (que critérios e que métodos utilizar: Análise fonético-fonológica? Sintáctica? Semântica? Mas haverá alguma possibilidade duma análise semântica estável e não puramente conjuntural?), definiremos as interjeições como partículas cuja enunciação se reveste dum carácter espontâneo¹⁶, sublinhando, desde já, que tal carácter é constitutivamente gradual, e que as interjeições, tal como as demais categorias, tendem a tornar-se formas linguísticas comuns, incorporadas à sintaxe da frase.

Consequentes com a definição adiantada – deixando intencionalmente na sombra, por enquanto, outros traços também individualizadores (fonética, fonológica¹⁷, e muito particularmente o problema do "nascimento" e da "morte" das interjeições¹⁸) –, é tempo de nos debruçarmos, ainda que de forma quase esquemática, sobre alguns dos traços que podem corroborar o que acabámos de dizer.

É de assinalar alguns dos traços que marcam essa sintaxização que nos ocuparemos a seguir.

i) Independentemente de os exemplos que se seguem poderem não ser de todo esclarecedores a esse respeito, cremos que no vastíssimo conjunto das interjeições (portuguesas ou não), poucas serão as que toleram o seu uso isolado; ao contrário, na sua grande maioria, as interjeições tendem a ser associadas a uma descrição linguística, verbal, da situação que as provoca:

[1] *Ah! acaba de chegar o professor.*

[2] *Puxa, é preciso ser preguiçoso!*

Nos exemplos anteriores, a verbalização provém do locutor, mas também pode ser o interlocutor a provocá-la sob a forma de resposta àquele a quem são dirigidas as interjeições:

[3] - A: *Vou fazer o último exame*

[4] - B: *Ué!*

Bravo!

Coragem, o último é de graça!

ii) Continuemos próximos duma situação escolar: se A de [3] deixasse, entretanto, cair um desabafo do tipo:

[5] *Preparar este exame foi uma seca!*

jamais um outro colega (ou alguém que entretanto se aproximasse) que nunca tivesse acompanhado de perto a matéria e que portanto não soubesse quão fastidioso, e em boa verdade até desnecessário, era fotocopiar e rever todos os apontamentos do curso do ano, poderia responder:

[6] *Efectivamente!...*

Uí!

Livra!

Bolas!

Diversamente, poderá "opinar":

[7] *Imagino!*

Pois é!

Perante a situação exposta, e independentemente de pretendermos alinhavar aqui qualquer critério ou paradigma de base distribucional, cremos que determinadas interjeições tendem a ser usadas a propósito de factos ou eventos previamente conhecidos, e não no momento em que são vividos ou experimentados.

iii) Quando pretendemos assinalar sentimentos reais ou imaginários de outrem, ocorre-nos também com frequência o uso de determinadas interjeições que podemos continuar a usar não só sob a forma de discurso relatado mas também no discurso relatado associado ao discurso indirecto:

[8] *Lamentavelmente (para ti/mim), o resultado do exame é péssimo!*

[9] *Felizmente (para ti/mim) escapei (escapei) à oral!*

[10] *Ele confidenciou-me que lamentavelmente...*

[11] *Ele disse-me que felizmente escapara à oral.*

Todavia, e por um lado, como facilmente se verificará, nem todas as interjeições admitem esta adição e, por outro, as que aceitam tal determinativo, parecem comprovar que estamos, de facto, perante uma reacção do pensamento face a uma situação. Mais: porque nem todas as interjeições desempenham tais funções, estabelece-se desde logo uma nova distinção: entre as interjeições que são uma reacção perante a situação e às quais não podemos acrescentar os segmentos anteriores

**Ah!*

**Bis para ti!*

**Basta para ti!*

**Safa para ti!*

e as que constituem uma reacção ao pensamento ou à representação duma situação, duma notícia, dum evento:

Felizmente...

Lamentavelmente...

Irra!

iv) Sob o lugar comum de que "a língua portuguesa é muito rica mas também muito traiçoeira" escuda-se, amiúde, entre outros processos, um, ora coincidente, ora muito próximo, daquele que nos importa considerar agora e que nos parece distinto do anterior: a tendência para conferir à interjeição um destinatário explícito, com o significado de: "(eu) digo..."

[12] *Chíça para a política!*

[13] *Favas para o futebol!*

v) B habita a alguns quilómetros do local de trabalho em plena província. Utiliza diariamente o mesmo meio de transporte, apesar de não ser nem o mais pontual nem o confortável. Mas é no inverno que as coisas mais se complicam, pois o perigo das duas rodas só pode ser ultrapassado com êxito pela disponibilidade da diesel da empresa, ou recorrendo ao velho familiar de fim-de-semana.

[14] A - Patrão: *São horas de chegar?*

B - Empregado: *Apanhei o autocarro do costume.*

A - Patrão: {a} *Pois bem! começa a vir a pé.*

A conclusão que A apresenta será a única possível? Será também a que B esperava poder ouvir? Parece-nos que a locução interjectiva legitima a possibilidade de escolha, apresenta uma alternativa possível. No presente contexto, a conclusão implícita a tirar depende da interpretação a dar a começa a vir a pé...

Seriam(?) igualmente possíveis conclusões como:

[b] - *Começa a vir de bicicleta*

[c] - *... de moto.*

[d] - *... de carro.*

[e] - *... de diesel.*

[f] - ... *de metropolitano*.

[g] - ... *de comboio*.

[h] - ... *de avião*.

Com efeito, A podia ter optado por outra conclusão. [d] *Começa a vir de carro...* e [e] disputariam certamente a primazia em termos de comodidade, não obstante quanto à relação conforto/economia ser a última a preferida. Ou seja: mesmo que a conclusão recaísse sobre [d], se esta não era a mais esperada, também não seria certamente a mais indesejada.

Todavia, A preferiu destacar desse leque, desse conjunto de possibilidades, certamente aquela que menos esperada seria¹⁹.

Com efeito, e muito sucintamente, o que nos importa realçar aqui é o valor de *pois bem* (ou seja, o valor que esta locução (interjectiva) confere à proposição que introduz). É que ao contrário do que se passa no raciocínio de tipo lógico-silogístico, *pois bem* não introduz uma junção necessária entre "implicante" e "implicado" nem reforça uma determinada conclusão; permite antes apresentar, a partir dos casos em presença, como conclusão no seio de outras possíveis, aquela que para o interlocutor se apresenta como mais inesperada. Serve de apoio à própria organização interna do discurso, estrutura-o, é uma interjeição com valor argumentativo, e não um mero "modalizador", função, que dentro de determinados limites, pode também ser desempenhada por outras interjeições. Podemos, pois, usar algumas interjeições como conectores argumentativos.

Sirvamo-nos ainda do exemplo anterior, pois a partir dele talvez possamos distinguir algo mais:

Pois bem!, *começa a vir a pé...*

Entretanto...

Por vezes...

Irra!...

Ah!....

Mas...

Mesmo assim...

Então....

Decididamente....

Se parece claro que nem todos os conectores podem ser usados como interjeições – à imagem de **entretanto** e **por vezes** –, também o inverso é certo: Irra!, Ah!. Mais: há morfemas que tendem a funcionar, ou que funcionam prevalentemente, ora como conectores (**mesmo assim**, **mas**, **então**), ora como interjeições: **decididamente...**

3. Mas relegar as interjeições para as margens da língua é ainda inaceitável por outras razões. Como é sabido, o traço comum dos enunciados interjectivos, "simples" ou "compostos", coincide com o contorno da entoação exclamativa. Por isso se fala da função exclamativa que lhe é inerente – pode haver exclamação sem interjeição, mas não interjeição sem exclamação. Depois, as frases e

expressões exclamativas realizam-se através de fenómenos sintácticos que longe de poderem ser considerados marginais, (despertam) chamam a si, comumente, bastante atenção. Pois bem: os enunciados interjectivos devem merecer idêntico tratamento.

Efectivamente, a função exclamativa pode ser veiculada através de meios tão simples como a interjeição pura, até ao uso duma entidade que simultaneamente é morfema lexemático e interjeição. Idêntica função pode caber ainda ao morfema reduplicativo. Concomitantemente, também os processos utilizados, mesmo diversos, caem na alçada da sintaxe (semi-sintácticos e sintácticos puros, respectivamente):

Ah! é má, a tua nota.

Ah!

É francamente má, a tua nota

- É má, má, a tua nota

- Mas como é má, a tua nota

O que dissemos atrás sobre a função exclamativa das interjeições não pode, contudo, fechar a porta à constatação do seguinte facto, mesmo que ele se nos afigure, desde já, algo paradoxal: contra o discurso tradicional que invariavelmente considera a interjeição como uma forma subsidiária e imitativa de frase expressiva, diremos, na esteira de BALLY, que são as frases expressivas que tendem a copiar as interjeições, sendo aquelas uma espécie de eco destas:

[...] l'imitation de réflexes émotifs déteint sur la syntaxe en créant des types de phrases spéciaux; en effet nombre d'agencements grammaticaux sont des échos affaiblis de l'interjection; des propositions écourtées telles que "Comme c'est beau!", "que j'ai ri", "Vous êtes gentille!", "le pauvre homme!" ont été à l'origine des phrases muti-lées tendant à imiter vaguement l'exclamation"²⁰

4. Aflorados de forma obrigatoriamente breve alguns domínios que o estudo da interjeição (e/ou do fenómeno interjectivo) não só permite como, mais do que isso, até reclama, é tempo de concluir:

I) o levantamento dos três primeiros traços – i) "verbalização" e tendência para destinarmos o emprego de certas interjeições, ora ii) a propósito apenas de factos já conhecidos, ora iii) para assinalar sentimentos dos outros – corrobora e evidencia o lugar que verdadeiramente lhes cabe na linguagem, bem diverso do carácter marginal ou "adicional" que muitos lhe atribuem;

II) efectivamente, estas partículas exclamativas não são meros elementos adicionais do discurso; ao contrário, elas actuam sobre ele, determinando-lhe a orientação, a intenção com que ele é usado. Ora, admitir a existência duma função significante ou de orientação duma forma, é desde logo aceitar que ela é susceptível duma descrição linguística;

III) por outro lado, a distinção que fazemos – e deve ser feita – entre valor informativo e valor pragmático escancara-nos a porta para atribuir às interjeições, a partir do seu próprio estudo formal, um papel distinto e específico,

conforme esboçamos em iv) e v). Daí, a quase exigência duma descrição de natureza semântica, ou no âmbito duma semântica intencional, a que a teoria dos actos do discurso vem dar novo fôlego e até restituir à interjeição o seu verdadeiro lugar: um estatuto central pois, como afirma Sirdar-Iskandar, *c'est le lieu privilégié où se marque [de plusieurs façons] l'interaction des individus*²¹.

NOTAS

- ¹ Este assunto é retomado pelo A. em *Interjeições (nos seus meios de expressão e alterações semânticas)*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1951, especialmente em "Expressões de situação" (pp.48 e ss) e Capítulos Suplementares: "Interjeições" (p.147 e ss).
- ² Assim se intitula o brevíssimo artigo de João da Silva Correia, de 1934.
- ³ Este longo trabalho foi publicado na *Revista de Portugal*, série A, Língua Portuguesa, vol. I, fascs. 1, 2, 4, 5; vol. II, fasc. 10; vol. IV, fasc. 20; vol. V, fascs. 21, 22, 23, 24, 25; vol. VI, fascs. 26, 27, 28, 29, 30; vol. VII, fasc.31; vol. IX, fascs.41, 42, 43, 44, 45; vol. XI, fasc.53; vol. XIII, fascs. 62, 63, Lisboa, 1942-1944.
- ⁴ Colhemos algumas destas informações em João da Silva Correia, *op. cit.*, p.186-187.
- ⁵ Cfr. *Teoria da Linguagem. Natureza do fenómeno Linguístico e Análise das Línguas*, vol. I, Coimbra, Atlântida, 1973.
- ⁶ Veja-se, *op. cit.*, p.185-188. Como veremos mais adiante, se é verdade que a interjeição não visa dar qualquer informação, saibamos, contudo, que, amiúde, o fito implícito do enunciador é exactamente o de comunicar uma informação. Por outro lado, registamos como sintomática a quantidade de notas de rodapé introduzidas pelo A. para justificar as suas conclusões.
- ⁷ Para este A., as interjeições são, exactamente, "mots-phrases [ou phrasillons]", isto é, fórmulas de "caractère inanalysable et figé" (Cfr. *Elements de syntaxe structurale*, cap. 45, Klincksieck, Paris). Segundo alguns AA., estas formas fixas não devem ser confundidas com frases sem verbo de forma minimal que se reduzem a escassas palavras (*Bonito! Força! O carro!...*) Estas frases partilham com a interjeição o seu carácter afectivo e por vezes exclamativo, assim como exigem o necessário recurso à contextualização para a sua explicitação. Porém, ao contrário da interjeição, não conhecem qualquer tipo de fixação quer sob o plano morfológico (invariabilidade) quer semântico. As frases incompletas são igualmente diversas da interjeição. Numa resposta elidimos amiúde o tema expresso na pergunta, e apenas damos o propósito: A: - *O que me compraste hoje?* B: - *Bananas*.
- ⁸ Celso Cunha e Lindley Cintra (1986), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, p. 78 e 587-588.
- ⁹ Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz (1971) *Gramática da Língua Portuguesa*, ed. 70.
- ¹⁰ Cfr. *op. cit.*, p. 210.
- ¹¹ Se para alguns o que acabámos de dizer é tão trivial como inócua, relevemos, sem hesitações, que são apenas a necessária excepção para a confirmação da regra. Pouco importa que a interjeição seja classificada por alguns gramáticos como uma parte do discurso, à semelhança do verbo, do advérbio, do adjectivo, etc. A etiqueta terminológica que lhe atribuem e o conseqüente estatuto gramatical daí decorrente são apenas rótulos que visam disfarçar o embaraço que invariavelmente linguistas e gramáticos têm sentido quando convocados a justificar adequadamente aqui a fragilidade das breves análises, ali a marginalização que lhe dedicam nos manuais ou, tão somente, para legitimar, taxativamente, a sua definitiva exclusão. De entre os trabalhos que global ou parcialmente se assumem, sob estes aspectos, como portadores de alguma novidade destacaremos os de Isabella Poggi (1981), D. M. James (1974), Claudine Olivier (1985), Christine Sirdar-Iskandar (1979), Ramón Almela Pérez (1990).
- ¹² Para um levantamento sucinto, mas nem por isso menos importante desta teia de dificuldades e até de contradições, veja-se: Ramón Almela Pérez (1990).

INTERJEIÇÃO

- ¹³ Retomamos uma expressão que Ducrot usa constantemente nos seus escritos sobre o assunto, nomeadamente no *Nouveau Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage*, Paris, 1995.
- ¹⁴ É para nós muito claro que qualquer aproximação ao estudo do fenómeno interjectivo terá que passar pela distinção prévia e essencial entre, por um lado, gritos de emoção involuntária, onomatopeias e interjeições, por outro. Neste particular fazemos nossa a destriça já operada por Sapir, pois só as últimas são parte constitutiva do sistema de comunicação das ideias, ou seja da fala.
- ¹⁵ *Les interjections ont la forme de simples cris, en générale très courts [...]. Certaines interjections sont des imitations plus ou moins approximatives de bruits; elles procèdent de l'onomatopée: brr' évoque le frisson ou l'effroi etc...* Esta mesma orientação definitória é, aliás, comum a muitos outros AA. considerados "clássicos": Grevisse, Brunot e Bruneau, Galizot, Bally, etc.
- ¹⁶ Esta particularidade associada à sua quase onnipresença no discurso oral, dificulta ou inviabiliza, como aludiremos mais adiante, abordagens de base predominantemente gráfica, o que é bem diverso dum estudo feito a partir de texto(s) escrito(s), por exemplo, peças teatrais. Por outro lado, estes traços – carácter espontâneo e maior uso em contextos de oralidade – podem ainda ser responsáveis por mais um fenómeno: um colunista dum conceituado semanário português manifestava-se particularmente crítico face à naturalidade com que o Presidente da República usava as interjeições. Seria, em seu entender, porventura "política e linguisticamente mais correcto" bani-las do discurso.
- ¹⁷ Se como tentámos corroborar as interjeições tendem a integrarem-se sintacticamente na frase, já no tocante à sua entoação elas são nitidamente independentes; não há interjeições pronunciadas com entoação neutra. Ao contrário, a sua entoação é independente da curva de entoação do resto da frase, particularidade que a destaca ainda mais. Acontece ainda que uma interjeição fonologicamente única possa associar a si diversas entoações, o que reduz ou anula a hipótese de qualquer tentativa de análise baseada na sua apresentação gráfica.
- ¹⁸ Cremos que esta é outra das características das interjeições. Com efeito, nenhuma das restantes palavras parece estar tão sujeita a este "ciclo vital": cada época faz nascer novas interjeições com a mesma "regularidade" que lhes atesta o óbito.
- ¹⁹ E o que dizer caso a opção se orientasse, antes, no sentido das conclusões [f], [g] e [h]? Se considerámos [a] como uma conclusão deveras inesperada, mas possível, já em relação às últimas, devemos ser mais taxativos e considerá-las antes como de todo (?) absurdas. Admitindo que "pois bem" liga a situação e a consequência, um enunciado do tipo [f], [g], [h], mas com particular incidência no último, parece-nos totalmente absurdo, na medida em que o "conselho/recomendação" é totalmente deslocado (irrealizável) nessa situação. Mas o absurdo pode ser levado ao extremo máximo se quisermos admitir que "pois bem" pode servir ainda para tirar uma conclusão a partir da relação entre a situação e a consequência, de fazer emergir esta relação como uma argumento para tal conclusão. Trabalhar "em plena província" "a alguns quilómetros" de casa, invalida desde logo qualquer alternativa minimamente realista de utilizar o avião, por ausência de infraestruturas. Se em termos de probabilidade de existência [f] e [g] podem ser menos absurdos, nem por isso podem ser levados em consideração. De novo, raras vezes o "comboio" e (nunca) o "metropolitano" servem a "província", muito menos a província plena ou profunda. Se habitar na província implica não ter acesso a alguns meios de transporte, é consabido que o avião e o metropolitano se colocam, pelo lugar que ocupam na hierarquia da locomoção, certamente à cabeça dos invariavelmente inexistentes.
- ²⁰ Charles Bally (1925), p.84.
- ²¹ "eh bien! le russe lui a donné cent francs", O. Ducrot (1980), cap. 5.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA LUCAS, João de (1942-1944) "Estudo sobre as Interjeições", *Revista de Portugal*, série A, A Língua Portuguesa, Lisboa.
- ALMELA PÉREZ, Ramón (1990) *Apuntes Gramaticales sobre la interjección*, Murcia, 1990.
- BALLY, Ch. (1952) *Le langage et la vie*, Paris.

- BRUNOT, F. e BRUNEAU, Ch. (1937) *Précis de Grammaire Historique*, Paris.
- CHEVALIER, C., et al., (1964) *Grammaire Larousse du Français Contemporain*, Paris, Larousse.
- CUNHA, Celso e CINTRA, L. F. Lindley (1986) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, João Sá da Costa.
- DUCROT, O. et al. (1980) *Les Mots du Discours*, Paris, Minuit.
- DUCROT, O. et al. (1995) *Nouveau Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage*, Paris.
- HERCULANO DE CARVALHO (1973) *Teoria da Linguagem*, Tomo I, Coimbra, Atlântida.
- JAMES, D. M. (1974) *The syntax and semantics of some interjections*, University of Michigan
- OLIVIER, Claudine (1985) *Traitement pragmatique des interjections du français*, Toulouse
- POGGI, Isabella (1981) *Le interiezione*, Torino
- SAPIR, E. (1967) *Le Langage, Introduction à l'étude de la parole*, Paris, Payot.
- SILVA CORREIA, João da (1934) "Considerações gerais sobre a denominação, as espécies, os domínios e os processos da interjeição", *Revista Lusitana*, vol. XXXII, Lisboa.
- SILVA CORREIA, João da (1934) "Necessidade de Um Exame de Reparação às Formas Interjeicionais", *A Língua Portuguesa*, vol. IV, Lisboa, p. 186-189.
- SIRDAR-ISKANDAR, Christine (1979) *Description sémantique des interjections*, Caire.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar e LUZ, M^a Albertina Mendes da (1971) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Ed. 70.
- VILELA, Mário (1995) *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Almedina.